

HEROICIZAÇÃO NA MÍDIA: A REVISTA VEJA E A CONSTRUÇÃO DO HERÓI JOAQUIM BARBOSA

ARIADNE SIQUEIRA DE MEDEIROS¹; FÁBIO SOUZA DA CRUZ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – ariadne.siqueira.medeiros@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fabiosouzadacruz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entre 2013 e 2014 o Brasil acompanhou o final de um dos maiores julgamentos da história do país: o *Mensalão*, que se trata da denúncia de um esquema de corrupção entre parlamentares no Congresso Nacional. A notícia foi veiculada em todos os jornais após a divulgação do vídeo do, na época, deputado federal Roberto Jefferson, no qual relata que o governo de Luiz Inácio Lula da Silva garantia valores monetários mensais aos deputados aliados. Desde então, Joaquim Barbosa – Presidente do Supremo Tribunal Federal – vem recebendo destaque na mídia nacional devido suas ações no julgamento do caso; sua presença contínua em jornais, sites de notícia e telejornais, sempre liderando as condenações do julgamento, podem ter lhe garantido o papel de herói perante grande parte da sociedade.

Em outubro de 2013, durante uma palestra na Conferência Global de Jornalismo Investigativo, no Rio de Janeiro, Joaquim Barbosa, que até então havia deixado bem claro seu pouco interesse em tornar-se político, confessou que pensa em concorrer à presidência da República no futuro.

A influência direta da mídia no caso, evidenciando abertamente suas ações “heroicas” – mesmo que Barbosa esteja fazendo somente o seu trabalho, onde é bem pago para atuar – e a enorme frequência em que é lembrado, o encaixa em uma das classificações de *fait divers* proporcionadas por Roland Barthes: coincidência/repetição. “O igual que se reproduz com diferença, conforme Lacan” (Barthes, *Ibidem*, p. 265 - 1996). Também, na expressão “impacto cumulativo”, de Douglas Kellner, definido como uma constante onda de informações sobre algum assunto.

O presente trabalho, intitulado *Heroicização na mídia: Veja e a construção do herói Joaquim Barbosa*, tem como foco a compreensão do discurso midiático que heroicizou (ANGRIMANI; 1995) Joaquim Barbosa perante a grande mídia, especificadamente na revista *Veja*, e, conseqüentemente, diante do grande público.

2. METODOLOGIA

O estudo será construído a partir da análise dos elementos contidos na reportagem da Revista *Veja* publicada em 10 de outubro de 2012, que tinha como manchete “O Menino Pobre que Mudou o Brasil”. A escolha da revista *Veja* para análise foi feita por sua íntima relação com a política e por sua grande abrangência em solo brasileiro. A revista é a mais lida no país, com a tiragem de mais 1 milhão de exemplares semanais.

Sustentada pelos conceitos de *fait divers*, de Roland Barthes, e de Heroicização, a reportagem de capa da revista *Veja*, publicada no dia 23 de outubro de 2012 e disponível no Acervo Virtual do site da revista, foi analisada. O primeiro se trata da curiosidade causada propositalmente por alguns assuntos, que trazem elementos notícias que despertam a atenção dos espectadores. O segundo, como já visto, é o endeusamento de determinadas pessoas que ganham notoriedade perante a mídia. Ambos os fatores são usados para salientar figuras e as diferenciar dos outros personagens envolvidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na reportagem de nove páginas, o ex-ministro foi citado diretamente 30 vezes, desconsiderando as citações indiretas. O *fait divers* de coincidência/repetição, que se trata da propagação contínua de determinado assunto, bem como o *fait divers* de Casualidade/Causa perturbada, que se dá ao fato de um acontecimento tomar rumos inesperados e, por isso, despertar curiosidade nos leitores, foram encontrados facilmente durante a análise.

“O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. Só comia doces se alguém lhe oferecesse. Na última quarta-feira, o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos, apresentou seu voto sobre um dos mais marcantes capítulos do julgamento do mensalão — o “last act (bribery)”, “último ato (suborno)”, como ele anotou em inglês no envelope pardo que guardava o texto de sua decisão. Além do português, Barbosa domina quatro idiomas — inglês, alemão, italiano e francês. Pouco antes da sessão, o ministro fez uma última revisão no texto. Cortou algumas citações, acrescentou outras e destacou trechos. Não alterou em nada a essência da sua convicção, cristalizada depois de sete anos como relator do processo.” (VEJA; pag. 68)

Neste parágrafo da reportagem escrita por Hugo Marques e Laura Diniz é possível observar a incidência de *fait divers* de repetição e de causa perturbada. Neste trecho, que abre a matéria sobre o ministro, ele é citado diretamente três vezes em meio a sua história de superação que explicita sua fuga do “comum”: “O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar”, logo após é descrita sua infância humilde, com o pai pedreiro, a discriminação nas festas de seus amigos “mais abastados” por sua origem pobre e a quebra do estereótipo quando é relatada sua profissão de relator e sua fluência em quatro idiomas.

“Já existem milhares de citações na internet ressaltando as virtudes heroicas do ministro Joaquim” (VEJA; pag 71). A própria revista reconhece que “milhares” de pessoas consideram os fatos de Joaquim heroicos. Ainda é descrita a visita de uma senhora, sem nome ou rosto, ao STF, que o ministro JB recebeu entre o intervalo de um julgamento. Depois disso, ao decorrer da reportagem, é relatado o “assédio” sofrido pelos outros ministros que tiveram de “mudar alguns

hábitos e tornaram-se mais reclusos, para evitar as acusações de que se tornaram vedetes” (VEJA; pag. 76). Há uma notável diferença entre os comportamentos e a reação pública quanto as personalidades.

Na matéria dois especialistas são entrevistados, o professor Jorge Forbes, do Instituto de Psicanálise Lacaniana e o Antropólogo Roberto DaMatta. Os especialistas são usados para justificar o comportamento de Joaquim Barbosa, tanto seu posicionamento frente aos políticos – onde é intransigível – quanto sua aceitação na sociedade. Forbes diz que devido suas origens humildes, seu comportamento não tenta agradar ninguém do poder na frase “As pessoas que vêm das camadas de exclusão social podem dar menos atenção a satisfazer os pares, pois não tem muita esperança do reconhecimento desses pares. Essas pessoas podem parecer imperiais, mas não são”. (VEJA; pag. 71). Já o posicionamento do antropólogo é mais incisivo quando diz “O ministro incorpora uma espécie de herói do século XXI. Precisávamos de uma pessoa com o perfil dele para romper com os rapapés aristocráticos, pois chegamos ao limite da intolerância com a calhordice no poder” (VEJA; pag. 71). Ambas as opiniões reforçam os valores trabalhando durante toda a reportagem.

4. CONCLUSÕES

A revista Veja, apesar de se dizer isenta de opinião, em muitas ocasiões já se mostrou altamente parcial. Não só em seu Mídia Kit, a revista apresenta claramente seu posicionamento quanto a figuras públicas, para quem escreve e para qual lado caminha. É possível encontrar diversos argumentos para sua comprovação. Joaquim Barbosa, atual presidente do STF, foi exibido como herói pela revista Veja. Suas ações no julgamento do caso Mensalão sobressaíam e anulavam as dos todos os outros ministros. A imagem construída é a de um herói, que emociona por ter nascido pobre e chegar até ao mais alto cargo da justiça brasileira, que difere dos demais ministros por suas ações punitivas e sua personalidade, que não se deixa deslumbrar pelas cores dos colarinhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**. 1ed. São Paulo: Summus editorial, 1995.

Artigo

RAMOS, R. Roland Barthes: Semiologia, mídia e fait divers. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. nº 14. 2001.

WEBER, M. H. Do acontecimento Público ao acontecimento político-midiático. **Caleidoscópio**. Porto Alegre. Nº 10. 2011.